

OFICINA MAP – PROJETO BOLSA PAMPULHA

JORGE MENNA BARRETO E VITOR CESAR

PERÍODO: 9 A 13 DE JUNHO, 2008

CONCEITUAÇÃO GERAL Esta proposição pretende criar um olhar crítico e vertical sobre as práticas artísticas contemporâneas, principalmente aquelas que têm a intenção de lidar diretamente com a esfera pública. A partir de uma bibliografia atualizada sobre *site specificity*, produções de artista, crítica cultural, entre outros, a oficina pretende criar um solo fértil que irá nutrir as práticas futuras dos bolsistas. O método de trabalho foi pensado a partir do *site specificity*, sempre levando em consideração as especificidades do lugar onde irá atuar, a cidade de Belo Horizonte e sua população. A oficina também irá propor exercícios práticos de mapeamento e criação de projetos de intervenção na cidade, buscando relacionar estes assuntos às práticas e interesses de cada bolsista. Finalmente, a partir de um ambiente colaborativo e de compartilhamento, a oficina busca ser um laboratório de pensamento coletivo que também visa o fortalecimento dos laços de trabalho entre os bolsistas, entre si e com a comunidade, visando possíveis colaborações e integração com a cidade.

ENCONTRO 1: INVESTIGAR O LUGAR DE FALA – EXERCÍCIO AUTO-CRÍTICO – ESCALA 1:1

Objetivo: perceber, investigar e questionar o lugar a partir do qual cada um fala. O entendimento deste lugar passa pelo histórico individual, interesses, posições ideológicas, afinidades, geografia, etc. O lugar de fala, ou o lugar a partir de onde falo, também define o meu discurso. E qual tem sido o meu discurso? Para quem tenho falado? Sobre o quê? Quem é o público do meu trabalho, e qual a sua relevância pública?

Perguntas – Indagações – Provoações:

O que tem lido?

O que tem visto?

Última exposição que viu?

Por que é artista?

Qual o papel social da arte/artista?

Por que participar do Projeto Bolsa Pampulha?

ENCONTRO 2: SEMINÁRIO ABERTO – BELO HORIZONTE

Investigação do site/lugar : a escala da cidade de Belo Horizonte

Possível lugar: UFMG

Investigação da cidade de BH a partir do olhar de um outro.

1º Momento: Encontro com o grupo de intervenção urbana de Belo Horizonte, PORO.

2º Momento: Convite a profissionais que têm estudado a cidade de BH para um mini-seminário aberto na UFMG.

Estudantes de diferentes áreas são convidados no intuito

de constituir possíveis parcerias e estabelecer um primeiro contato dos bolsistas e do programa com a comunidade local.

01. Apresentação do que é a Bolsa Pampulha, suas motivações e história.

02. Convidar 4 profissionais para realizar uma breve apresentação e uma mesa redonda em torno de questões atuais e históricas da cidade de Belo Horizonte. Mediação de Lais Myrha, artista plástica e mestre pela UFMG, participou da primeira Bolsa Pampulha.

03. Intervenções urbanas, para quê? Qual a eficácia, visibilidade e relevância da arte na constituição do espaço público. Arte pública, por que e para quem?

Referências:

Mesa 2. Consciência Contextual: O que é?

Sérgio Buarque de Holanda / Raízes do Brasil – a formação do indivíduo brasileiro / Antropofagia

ENCONTRO 3: ESCOLHA, DEFINIÇÃO E A ESCUTA DO LUGAR

Saída a campo para escolher um lugar na cidade onde gostaria de trabalhar.

Não se trata de procurar um lugar para instalar uma obra já existente, mas sim achar um lugar e mapeá-lo.

Delimitação do lugar / definição de seus limites. A idéia de lugar pré-existe o olhar? O que forma o lugar? Cartografia e representação.

Discussão sobre metodologia e dispositivos de mapeamento do lugar, de acordo com o seu interesse e especificidades do lugar.

Mapeamento e “escavação” do lugar. As camadas sociais, políticas e históricas de determinado lugar.

Coleta de material bruto sobre o lugar: entrevistas, fotos, depoimentos, filmes, impressões, etc.

Referências:

O artista enqto etnógrafo / Hal Foster

Um lugar após o outro / Miwon Kwon

Projeto de graduação Vítor Cesar / a definição de um lugar

Projeto Juntamentz / Raquel Garbelotti.

Exposição Do Corpo à Terra, BH, 1970.

ENCONTRO 4: O CULTIVO DO LUGAR – INTERVENÇÕES

Análise do material bruto e definição da idéia-problema que será trabalhada no lugar. Relevância pessoal e possível relevância pública da idéia-problema.

Edição do material bruto. O que vai e o que fica? Relações de transparência do processo. O que é mostrado?

Pertencimento e desterro.

Trabalhos específicos para um lugar. Mesa 1. Especificidade, para quê? A função diferencial do *site-specificity*. O *site specificity* como método de trabalho.

O perigo da exotização e/ou folclorização a partir da diferença.

O lugar no tempo. Lugar e duração. Relações de indiferença, embate e adesão ao lugar.

O lugar público e a formação da esfera pública.

Formas de endereçamento ao outro. Quem é o outro? Especificidade de público: arte *audience-specific* e *community-specific*.

Encontro com Louise Ganz – Projeto Lotes Vagos <http://lotevago.blogspot.com> (a confirmar).

Análise e estudo da recepção. Quem é o meu público, e o que espero dele?

Referências:

Tatiana Ferraz / Mapeamento do Centro

Cultural São Paulo.

Richard Serra / Tilted Arc

Ana Maria Tavares / Porto Pampulha e o *site-specific* deslocado.

Projeto Münster: arte pública na história /do monumento à intervenções efêmeras.

Rosalyn Deutsche / Evictions

ENCONTRO 5: DOCUMENTAÇÃO E RESPONS(H)ABILIDADE

Métodos de registro das práticas artísticas a partir das especificidades do projeto e do interesse de enunciado.

O que fica? O que se edita a partir do que fica?

Tradução e transcrição. Nostalgia e documentação.

A documentação como lugar.

Relação com circulação e mercado. Reprodução e autonomia do documento em relação a um contexto específico.

Trabalhos orientados para a fotografia/vídeo.

Referências:

Site / Non-site, Robert Smithson – *Spiral*

Jetty / cinema, escrita e fotografia.

Internet e publicação.

Formas de documentação invisíveis. O rumor e o testemunho como documentação.

Respons(h)abilidade, ou responder pelo trabalho. Sou responsável pela minha prática artística. Autoria e autoridade.

O método negativo / Jorge Menna Barreto / estratégias de deslocamento “com danos”.

Revista Urbânia

Julie Ault – Publicações

Magritte / Isto não é um cachimbo

A morte do autor / Roland Barthes

ENCONTRO 6: AÇÕES COLETIVAS E COLABORATIVAS

Os coletivos no Brasil

O que é coletivo e o que é colaborativo. Especificidades e diferenças.

Por que ser coletivo? O que não é coletivo?

Inteligência coletiva e o pensar em redes.

O objeto modernista em oposição à arte contemporânea.

Referências:

Carla Zaccagnini / Projeto Restauro

Transição Listrada, Base e Arte na esfera pública / Vitor Cesar

Jorge Menna Barreto jmennabarreto@yahoo.com.br

Vitor Cesar Junior ritin@uol.com.br